

## DAS “ALTAS” E DAS “BAIXAS” LITERATURAS: POSSIBILIDADES DE LEITURAS CRÍTICAS NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

## ON THE “HIGH” AND “LOW” LITERATURES: POSSIBILITIES OF CRITICAL READINGS UNDER AN INTERDISCIPLINARY PERSPECTIVE

## DE LAS “ALTAS” Y DE LAS “BAJAS” LITERATURAS: LAS POSIBILIDADES DE LECTURAS CRÍTICAS EN UNA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Izabel Cristina dos Santos Teixeira♦

### Resumo

Este trabalho faz uma análise dos pontos de vista apontados por Leyla Perrone-Moisés em seu ensaio “Altas literaturas” (1988), no qual a autora defende a existência de um cânone literário ocidental, baseado no fato de os autores, escolhidos por ela, também serem críticos literários, o que, para a ensaísta, é critério suficiente para a definição do modelo proposto.

**Palavras-chave:** cânone literário, baixa literatura, teorias, debates acadêmicos, interdisciplinaridade.

### Abstract

This work makes an analysis of the points of view indicated by Leyla Perrone-Moisés in her essay “Altas literaturas” (1988), in which the author defends the existence of a western literary canon, based on the fact that the authors, chosen by herself, are also literary critics. This fact is, for the essayist, enough criterion for the definition of the considered model.

**Keywords:** literary canon, low literature, academic theories, discussions, interdisciplinary.

### Resumen

Este trabajo hace un análisis de los puntos de vista señalados por Leyla Perrone-Moisés en su análisis “Altas literaturas” (1988), en la cual la autora defiende la existencia de una persona occidental de la regla literaria, basada en el hecho de que los autores, elegido por ella, también son críticos literarios, lo que para el ensayista, es criterio suficiente para la definición del modelo considerado.

**Palabras-clave:** regla literaria, literatura baja, teorías académicas, discusiones, interdisciplinaridad.

---

♦ Professora de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Tocantins(UFT)-Campus Universitário de Araguaína (Curso de Licenciatura em Letras). Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Linha de pesquisa: Literatura e Meio Ambiente. Grupo de pesquisa: NEDiG. E-mail: izabelt2000@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

O ensaio “Altas literaturas”, de Leyla Perrone-Moisés (1998), com o qual pretendemos dialogar, se nos apresenta como um manual prescritivo, e sobre ele nos debruçamos, com a finalidade de estabelecermos contrapontos. Neste sentido, desejamos mostrar que, em seu estudo, não há, pelo menos, aparentemente, possibilidade de criação de um espaço para as leituras contemporâneas, em particular, pós-coloniais, em vista de seu labor “em prol do cânone literário”.

Adotando uma possibilidade de investigação nada condizente com os desejos da autora, nosso objeto de estudo, a ser desenvolvido no Doutorado, adota uma perspectiva interdisciplinar. Esta forma de abordagem textual define um método de pesquisa que requer muitos aportes de conhecimento, ou seja, várias áreas do saber formal, a fim de propor um enquadramento do tema a ser investigado, em um contexto inter-cultural amplo.

Entendemos que tal desobediência ao perfil estabelecido na obra crítica a ser na alisada pode servir também como provocação, uma exceção propriamente dita, a buscar respostas a muitas questões as quais a refinada pesquisadora deixou de fora, em sua opção teórica.

## I AS DEFESAS DE LEYLA PERRONE-MOISÉS

O ensaio “Altas literaturas” é resultado de ampla pesquisa elaborada pela autora, conforme ela mesma o afirma na página de apresentação.

O livro é considerado um dos mais importantes ensaios de crítica literária, publicado no Brasil, nos últimos anos [1] Neste livro, ela traça o perfil do que entende ser o de “desinteresse pela literatura”, pelo fato de as universidades cederem, pouco a pouco, seus espaços aos estudos culturais. Segundo a ensaísta, no meio acadêmico, ascendeu a expressão de uma determinada minoria sexual, étnica (literatura feminista, gay, e outras), em detrimento dos valores literários.

Do seu lugar de fala – “crítica literária acadêmica” – a professora Perrone-Moisés (op.cit.) segue em defesa da literatura e do seu poder formador e transformador, a partir da elaboração de um cânone literário, estabelecido por escritores modernos, a quem ela chama de escritores-críticos, dada a produção

teórica e crítica de sua obra [2]. São eles: Ezra Pound, T.S. Eliot, Jorge Luis Borges, Octavio Paz, Ítalo Calvino, Michel Butor, Haroldo de Campos, e Philippe Sollers [3]. Para tanto, Perrone-Moisés (ibidem) destaca que o projeto de estabelecimento de um cânone literário não se baseia em noções acadêmicas, mas, sim, em princípios de modernidade [4]. Tais princípios, por sua vez, são tributários da contribuição teórica de Ezra Pound (s/d apud PERRONE-MOISÉS, 1998) que, citado por T.S.Eliot (1948 apud PERRONE-MOISÉS, op.cit. 1998) e pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos (1968 apud PERRONE-MOISÉS, op.cit. 1998), fixa alguns conceitos tidos como fundamentais para o estabelecimento de um cânone moderno, elaborando a “paideuma” [5]. Esta se define como o ideal pedagógico de transmissão de valores literários às novas gerações e também a concepção de história da literatura, não como um passado estático, um conjunto de obras e de autores mortos, mas como uma fonte viva aonde o escritor contemporâneo vai buscar inspiração de forma atualizada [6].

Perrone-Moisés (op.cit.) faz uma leitura sincrônica da história, afirmando que “os leitores (...) vivenciam a história literária como leitura sincrônica do passado” [7], constatando que o presente marcará o passado com sua influência [8], nos seguintes termos: lê-se o passado com os olhos do presente. Assim, segundo a autora, aquilo a que T.S. Eliot (1948 apud PERRONE-MOISÉS, 1998, op.cit.) denomina “tradição – a percepção não só do caráter passado do passado, mas a de sua presença” [9], nesse caso, se considera, não uma série de modelos a serem seguidos, mas elementos sempre recriados pelos escritores que descobrem e redescobrem autores do passado à luz de sua experiência atual, acrescidos de novos sentidos [10].

A escolha de autores não é neutra, mas como também o ressalta, Perrone-Moisés (op.cit.) assume os riscos inerentes a toda escolha e não esconde os valores que a norteiam [11]. O cânone dos escritores-críticos, feita a partir de *experiências particulares*, está de acordo com critérios como: “Maestria técnica” [12]; “Concisão” [13]; “Exatidão” [14]; “Visualidade e Sonoridade” [15]; “Intensidade” [16]; “Compleitude (na modernidade: coerência interna)” e “Fragmentação (universo fragmentado)” [17]; “Intransitividade” [18]; “Utilidade” [19]; “Impessoalidade” [20]; “Universalidade” [21]; “Novidade” [22].

A partir dos conceitos acima citados, os escritores-críticos constroem suas listas de autores do passado com os quais se identificam e cuja leitura pode - pelo menos é esse o desejo da pesquisadora - enriquecer os autores contemporâneos.

Isso posto, passemos a um possível contraponto ao estudo de Leyla.

## II POR ONDE LEYLA PERRONE-MOISÉS NÃO “ANDA”...(OU NÃO ANDOU (?))

Inicialmente, a autora menciona que o problema da defesa que faz está no fato de que as academias passaram a privilegiar a “cultura menor”, “abandonando o cânone” [23]. Neste sentido, sua abordagem nos parece um tanto elitista, na medida em que Perrone-Moisés (op.cit.) esquece que os aspectos que lhe são relevantes tendem a supervalorizar a evolução histórica da literatura, até onde “aparece a novidade”, justamente a partir do século XIX, quando as regras de arte do classicismo são abolidas [24]. Assim, ao se valorizar a história literária, cria-se um problema, nos termos admitidos pelo teórico literário Roland Barthes (1988,p.56) sobre a questão (ele se refere especificamente à história literária francesa, mas, aqui, sua observação vai ser mencionada para embasar uma reflexão sobre “histórias literárias”, como exemplo de uma discussão mais geral). Ele diz que “essa história é feita de censuras que seria preciso inventariar”. E continua: “Existe toda uma outra história da nossa literatura por escrever, uma contra-história, o avesso dessa história, que seria a história das censuras”. Conclui dizendo: “a história da literatura deveria ser concebida como uma história da idéia de literatura, e essa história não me parece existir por enquanto” [25]. Dentre as censuras que Barthes (ibidem) aponta, uma delas é o do próprio conceito de literatura que, para ele, jamais é definido enquanto conceito. Dessa forma, servindo ao nosso intuito de nos contrapormos à autora, cuja obra nivela obras literárias em inclusivas (canônica) e não inclusivas (não canônica), seria possível denominar a “cultura de minorias de reverso da história literária”, por exemplo?

Mais ainda, referindo-se às questões de crítica cultural, Barthes (ibidem) diz que: “a crítica cultural move-se sucessiva, diversa e simultaneamente opondo o Novo ao Antigo, o sociologismo ao historicismo, o economismo ao formalismo... tudo isso leva a crítica à impaciência”. E, segundo ele mesmo, crítica é “crise” [26]. Assim, motivada por essas tensões que tanto atraem a academia, há um ponto a ser

questionado e que talvez incida sobre todos os outros enumerados pela autora, em sua defesa do cânone, no uso de critérios adotados, a partir do feito de escritores-críticos. Então, perguntemos: que significa “valor”?

Para a autora, que conduz sua voz pela própria voz dos seus escolhidos, a crítica formal por eles exercida se pautou pela “ausência de uma instância superior que regulasse o dissenso, e no descontentamento com as instâncias inferiores que se arrogavam o direito de julgar os escritores e, assim, os criadores puseram-se a praticar uma espécie de contra-crítica, (...) mais eficiente, por estar ligada à experiência criador” [27]. Assim sendo, os “valores” comuns a eles – os escritores-críticos - são os citados acima, no item anterior, construídos a partir do método dedutivo de observação que lhes são próprios (particulares). Para Perrone-Moisés (op.cit.), esse levantamento em todos eles é coeso, interligado, “compondo uma poética forte e coerente”. Ela prossegue: “A poética da modernidade traz um lastro idealista. (...) Sem um conjunto de valores, qualquer cânone (prescrito por autoridades, como no classicismo, ou eleito pelos interessados, como no romantismo e na modernidade) é contestável. É essa poética, e conseqüentemente o cânone que a ela corresponde, que se encontram hoje em via de dissolução” [28].

Com efeito, em seus próprios termos, se definem valores atrelados à experiência de cada um, particularmente, cristalizando-se, assim, em categorias. Estas se organizam de tal modo “que formam um código de referência permanente”, conforme nos lembra José da Silva Horta (1995, p.209) em seu ensaio sobre sistemas de representação na História da Europa e da África. A propósito, um tanto ironicamente falado, já que é a literatura a base de nossa crítica, tal conclusão do autor no remete a Deleuze (1998, p.30) para quem a “linguagem não foi feita para ser creditada, mas para ser obedecida”, tanto mais quando já está “cristalizada”. Assim, Perrone-Moisés (op.cit.) lança mão de uma argumentação que se baseia na insatisfação dos escritores-críticos em relação às análises que jornalistas (no século XIX, estes eram os profissionais da crítica literária) faziam de suas obras. Entendendo que tal atividade não lhes era de direito exercer – já que não “criavam” nada, eles mesmos, os próprios escritores, passaram a ser críticos. Então, se a eles caberia transmitir a leitores “as palavras de ordem”, necessariamente, as mesmas estariam “de acordo com as significações dominantes. Nesse caso, conforme

reflexão de Deleuze (op.cit., p.31) sobre as ciências atuais, todos os campos de conhecimento do saber formal trabalham em favor da ampliação do universo discursivo e de suas formas de abordagens.

Paralelamente à discussão de “Altas literaturas”, observamos que o texto da pesquisadora não parece permitir mobilidade interpretativa, isto é, não se abre ao diálogo, de forma alternativa, conforme dos sugere Deleuze (op.cit.), cuja filosofia espalha-se pelo pensamento social, no mundo todo, na atualidade, sob a forma de influxos desse mesmo pensamento, atravessando lacunas, ou o que está fora e o próprio “fora das coisas”. Suas idéias dialogam, não só com a ciência, mas também com as artes, com a música, com a literatura, e promovem a desestabilização discursiva. Sob esse viés, o filósofo desperta o interesse daqueles que procuram alternativas para a lógica estruturalista que a tudo resume a relações pautadas por uma lógica binária, de equivalência e correspondência entre sujeito e objeto. A proposta de Perrone-Moisés (op.cit.), aparentemente, é autoritária, na medida em que, em sua área de atuação – a crítica literária acadêmica – descarta a fluidez dos discursos, admitida, em larga escala, pelas teorias pós-estruturalistas. A ensaísta entende que vivemos em uma época de profunda falta de consistência. Porém, ela não se dá conta de que, sob o critério da fluidez, as outras literaturas tendem a considerar a intervenção de diversos fatores que não cessam de modificar a ordem das coisas, ampliando as formas de abordagens e o próprio entendimento do mundo, por meio da ficção.

Nessa referência permanente, em torno do “conhecimento de causa”, pela via da experiência, todos esses escritores-críticos políglotas falam de lugares de prestígio, de onde, desde o século XIX, irrompe a “indústria da escritura”, na vigência inicial do romantismo. Neste sentido, o fato de terem decidido estabelecer, eles mesmos, nessa época, seus princípios e valores [29], parece-nos uma ação suspeita, pois suas análises só são flexíveis para manter o próprio discurso numa espécie “coroa circular” que adota uma lógica auto-referente, e exclui outras possibilidades de entendimento. Dentre elas, por exemplo, podemos lembrar a própria prática docente, na academia. Tomando o caso específico do Brasil, ela tem sido objeto de reflexão da professora Tânia Ramos (2006, p.21). A pesquisadora, ao

discutir o problema dos “provões” que os estudantes brasileiros são obrigados a realizar, ao final do curso, para obter o título de graduados, observa que

[...] as questões propostas e os mecanismos de seleção de nomes e textos canônicos, nos exames, geram um problema. Ou seja, a escolha não dá espaço para a inclusão de especificidades regionais e urgências da contemporaneidade, que dão sentido à própria criação estética, aos bens culturais, e que se tornam cada vez mais necessários para nossos alunos reconhecerem o seu lugar, a sua função neste universo de linguagens em que vivem [30].

Sustentados por esse parecer, podemos afirmar que o ensaio “Altas literaturas” não leva em conta o cotidiano – sobretudo brasileiro – e impossibilita aos leitores (bem como aos amantes da literatura, em geral), a perspectiva de, pela sua subjetividade, organizar uma consciência política e a própria experiência de “estar no mundo”. Noutras palavras, Perrone-Moisés (op.cit.) não parece atinar para o fato de haver outros discursos, outras formas de abordagens literárias. Todas elas, a serem expostas como vozes destoantes, e que atravessam o “seu” discurso, num processo, em amálgama, de consciência e de consistência. Diante de tais possibilidades, vemos que a teoria crítica não pode ser vista como um sistema fechado de verdades estabelecidas por quem escreve, lançando mão de seus próprios critérios de crítica. Mais do que isso, ela precisa ser vista como uma rede de interligações que se ramifica, provocando o pesquisador diante de seus objetos de apreciação, dado o compromisso que ele deve demonstrar pelo campo de sua inserção social.

Assim, além dessa voz dissidente de Ramos (op.cit.), que se ocupa da prática docente, no tocante à cultura em favor do cânone, podemos mencionar, ainda, ponderações do indiano marxista Aijaz Ahmad (2002, p.15) em torno de articulações possíveis entre “alta” e “baixa” literatura. Em seu objetivo de refletir sobre a crise do mundo contemporâneo, ele destaca o deslocamento do local da cultura e da arte, dos leitores e das leituras, com a ajuda de novos referenciais críticos, como Fredric Jameson (1980 apud AHMAD, 2002, op.cit) e Edward Said (1981 apud AHMAD, 2002, op.cit.) [31]. Esses intelectuais nos fornecem reflexões sobre a denominada cultura ocidental, tomando o cânone literário, em particular. Neste sentido, podemos afirmar que, para ambos, a “alta literatura” não é

democrática; ao contrário, é sectária e restritiva por circular, apenas, entre membros de uma elite, além de constantemente ser usada como arma de dominação.

Mas, ainda, não podemos deixar de mencionar a crítica elaborada por Franco Moretti (2000, p.45), a respeito da noção de valor calcada em “alta e em baixa literatura”, por meio da crença em uma modalidade de análise denominada “literatura comparada”. Neste sentido, o autor questiona a estreiteza dos raciocínios em torno do que considera peculiaridades de literaturas locais, pois, para ele o que há é “literatura mundial”, pura e simplesmente: “Não há uma ‘literatura comparada’, mas mundial”. Para o pesquisador, a literatura comparada não passa de uma “modesta empreitada intelectual, limitada fundamentalmente à Europa Ocidental”. Esse pensamento é corroborado por Said no livro “Cultura e Imperialismo” (1995). Porém, para ele, não existe literatura comparada, quando os objetos a serem avaliados estão enquadrados “nas mesmas bases culturais”, uma vez que a comparação só existe para os lugares que aderiram aos critérios de valor literário proposto na Europa Ocidental, base de sustentação da defesa de Perrone-Moisés (op.cit.), em favor do estabelecimento de um cânone. Indo mais longe, e ampliando a perspectiva de Said (op.cit), tomamos o exemplo de Moretti (op.cit., p.49)[32] para quem “é impossível a existência de uma literatura comparada, porque a literatura é, antes, um sistema que se desenvolve no mundo todo, mas é uma só, em qualquer parte que se vá”. A importância de sua análise consiste em fomentar debates, suscitar críticas, propostas, negociações e diálogos com as diferenças, questões bem abrangentes que mobilizam segmentos sociais para gerar discussões que proponham políticas de ação integradora (e não separatista ou, até mesmo, essencialista).

De um modo geral, entendemos que as vozes dissonantes percebem que existe um clima de “discordância radical”, na atualidade, em relação às práticas culturais e à maneira de interpretá-las. Certamente, em comum, todos eles atribuem esse “espírito do tempo” às novas formas de conhecimento que, segundo Ahmad (op.cit), surgiram desde a Segunda Guerra Mundial

[...] para desestabilizar os modos estabelecidos de investigação intelectual e uma consequência das politizações que ocorreram na esteira das mudanças demográficas pós-guerra nas universidades metropolitanas e nos movimentos estudantis da década de 1960” [33].

Quando Perrone-Moisés (op.cit.) critica a academia americana, reportando-se a esses anos de 1960, esquece que seus eleitos para a definição de cânone não se utilizam de critérios acadêmicos. Nesse caso, seria possível pensarmos em uma negociação, em torno da produção e reprodução de conhecimento, do tipo: abrir o texto a seus diversos interesses, dada a percepção daquilo que está faltando no espaço institucional – ou está chegando a ele – ou seja, seria possível abrir os textos a outras vozes que desejam o inusitado, a ousadia, e o alargamento das visões? Pensemos a academia como um lugar de tensões, de confrontos, tomando a reflexão de Pierre Bourdieu em “A economia das trocas simbólicas” (1999) [34]. Ao avaliar sistemas de ensino e sistemas de pensamento, ele menciona uma fala de um dos eleitos da ensaísta em apreço, T.S. Eliot (1962 apud BOURDIEU, 1999), para quem

[...] a cultura é o instrumento por excelência da integração da elite: uma sociedade corre o risco de **desintegrar-se** quando não há contato entre os diferentes setores de atividade, ou seja, entre os espíritos políticos, científicos, artísticos, filosóficos e religiosos. (...) Pode acontecer que (seus membros) estejam apaixonados pelo mesmo problema, pode ocorrer que, graças a contatos repetidos, acabem por partilhar um vocabulário e uma maneira de se exprimir que pareçam traduzir todas as nuances de sentido necessárias a seu objetivo comum. Não obstante, após tais encontros, cada um continuará preso em seu universo social particular e em meio à sua solidão interior.

Assim, T.S. Eliot (ibidem) parece entender que o confronto gera uma crise no sentido positivo da palavra, o que leva a um acordo em comum com a perspectiva de Heidrun Krieger Olinto (1999), simpática aos pontos de vista de Jonathan Culler (1997 apud OLINTO, 1999) sobre “teoria”: ela observa que uma das constatações do pesquisador americano “é a infinita possibilidade de estudos baseada na “teoria”, pura e simplesmente” [35]. Neste sentido, o estudo de Culler (ibidem, p.46) torna acessíveis reflexões gerais sobre várias questões do contemporâneo, quando ele destaca, em seu livro sobre “teoria literária”, a

[...] exposição da gama inteira de temas da teoria literária, a partir de tópicos, e não a partir da organização usual por escolas [36]. O que foi elogiado por Patrícia Walgh pela capacidade impressionante de condensação ao substituir os meios atuais por escolas e aproximações pela direito de ir ao âmago das questões cruciais para muitos estudantes, que são: por que eles estão estudando teoria literária? Frank Kermode, por seu lado, creditou ao livrinho, o mérito da escolha precisa do método certo para os seus propósitos [37].

Recorrendo a Culler (ibidem, p.46) afirma que ele parece apontar para uma novidade que consiste em abandonar a idéia do “cânone”, questão que aflige Perrone-Moisés (op.cit.). Sua nova proposta é privilegiar temas, pois o que parece motivá-lo “são problemas, objetivos, e soluções convergentes e compartilhados”, porque são estes os elementos responsáveis pelo legítimo uso do termo teoria, inadequado, em sua visão, para identificar múltiplas teorias particulares espalhadas em diversas escolas [38]. Neste sentido, Culler (1981 apud JOBIN, 1996, p.56) [39] esclarece que – “em vez de um discurso homogêneo, a teoria da Literatura designa uma heterogeneidade, uma diversidade, uma variedade de discursos que competem por primazia”. Assim, o próprio Culler (ibidem), ao que parece, tornou-se cético quanto ao modelo positivista de Academia (Universidade),

[...] em que se imagine ser possível uma perfeita divisão dos quadros do saber – das atribuições, controles e funções - que geraria uma instituição compartimentalizada de maneira rígida, então talvez até possamos supor que a própria concepção de disciplina merece uma reavaliação. [40].

Adaptando esse pensamento à discussão “Cânone ou não: eis a questão”, podemos pensar que a “paideuma” é um ideal prescritivo e, portanto, positivista, sem lugar no mundo atual, que necessita de cidadãos instrumentalizados, com poder de reflexão. Dessa forma, concordamos com Culler (ibidem, p.63) para quem: “a teoria literária não é um conjunto de métodos em competição para a análise de obras literárias”. Para tanto, acatamos sua sugestão de problematizar a criação e cursos de literatura. A tal respeito, ele justifica sua proposta, dizendo que

os professores devem pensar a literatura não como uma seqüência sacralizada de obras definidas pela história literária, mas como uma espécie de escrita, de modo de representação, que tem um papel muito problemático nas culturas em que nossos estudantes vivem (...). A visão sobre a literatura deve deixar de ser uma configuração enraizada em nossa própria autoconsciência social [41].

Ao que parece, sob o olhar inovador de Culler (ibidem) - as contraposições de movimentos e de seus ideário – presentes no debate dos escritores-críticos de Perrone-Moisés (op.cit.), vão desaparecer, em função da explicitação de subdivisões importantes. Assim sendo, Culler (apud JOBIN, op.cit., p.56) compreende a “teoria” como conjunto de abordagens ou de métodos interpretativos em competição que

desafiam, mais do que tudo, o senso comum. Com isso, diz ele que todas as tendências dentro da literatura (Formalismo Russo, “New Criticism”, Fenomenologia, Pós-Estruturalismo, Teoria Feminista, Psicanálise, Marxismo, “New Historicism”, “Cultural Materialism”, Discurso de Minoridades, “Queer Theory”) têm espaço de abordagem, no contexto de sua definição do que seja “atividade teórica” [42]. Como razão plausível de seu pensamento, ele dirá que “teoria” é um termo que serve para “acentuar a condição de prática, ao mesmo tempo específica e geral, de alguma coisa que você faz ou não faz” [43].

A vantagem dessa abordagem no lugar da escolha de um cânone é que ela torna possível a substituição de uma prática acadêmica – “a interpretação do texto – por uma abordagem interdisciplinar” do fenômeno literário situado e contextualizado, ampliando o horizonte intercultural [44].

Tendo sido esse um dos problemas de Perrone-Moises, no sentido de preservar a “boa literatura”, Culler (ibidem, p.49) vai mais longe, pois não entra no mérito da questão da “opção pessoal”, nem dá juízo de autoridade. Seu campo é o da descentralização teórica. Com ele, a literatura está em “campo aberto”, no qual pode transitar o entendimento da literatura “como prática constitutiva de uma sociedade”, permitindo sinalizar problemas até então adormecidos à sombra das práticas discursivas hierárquicas privilegiadas. Dessa forma, mencionando o historiador recém-falecido, Richard Rorty, Culler concordará com sua idéia de que este novo gênero em desenvolvimento visa a um “entrosamento” geral entre produções, história intelectual, e outros [45].

Na melhor das hipóteses, Culler (ibidem) (e, possivelmente, todas as vozes dissonantes citadas até aqui) entende também que

[...] esse modelo permite compreender de modo diferente o papel dos discursos pós-coloniais em sua articulação problemática com sistemas de pensamento ocidentais hegemônicos, pela possibilidade de exercer funções de resistência e também pela emergência de sujeitos híbridos criados por desencontros em sua construção identitária oscilante, formada por linguagens, culturas, nacionalidades e geografias mescladas e descentradas. [46].

Com base no que expusemos acima, favorecidos pela possibilidade do contraponto à defesa do “sistema cânone”, vimos ampliado o interesse por pontuações interdisciplinares na literatura desconsiderada (a “menor”, a dita “não-

canônica”). Assim sendo, de acordo com Culler (ibidem, p.51), entende-se que a literatura – na versão estudos culturais - abrange várias disciplinas - antropologia, história da arte, estudos cinematográficos, de gênero, lingüística, filosofia, teoria política. Essa percepção conduz à compreensão de que tudo é passível de discussão. Dessa forma, o autor define os pressupostos da “teoria”, que sustentam essa “nova visão” dos estudos literários: “1 – theory é interdisciplinaridade; discurso com efeito fora da disciplina original; 2 – teoria é analítica e especulativa; 3- teoria é uma crítica de senso comum, de conceitos tidos como naturais; 4 – a teoria é reflexiva, pensa sobre o ato de pensar; questiona as categorias que nós usamos para dar sentido às coisas, em literatura e em outras práticas discursivas” (Culler ibidem, p.52). O alcance dessa proposta dissidente adota o princípio da incerteza, do impalpável, para a problematização contemporânea sobre cultura e, assim, se tem a “elaboração de um conjunto de discursos indomáveis”. Melhor dizendo, nas palavras do teórico aqui apreciado, chega-se à escrita de um livro de textos não encadernáveis, que crescem sem parar em função das próprias críticas a concepções vigentes, por causa das contribuições de novos pensadores à teoria e por causa da redescoberta de obras antigas invisíveis ou negligenciadas em seu tempo” [47]. Para finalizar, ele pretende que, nessa perspectiva, ninguém seja especialista em nada, sobretudo por se levar em conta o caráter paradoxal e circular da prática teórica que defende [48].

Tendo sido postas proposições divergentes, esperamos que esse estudo possa contribuir para que a literatura e a crítica literária, quaisquer que sejam elas, abordem possibilidades de novos entendimentos e desarmem ideologias de prescrição pragmática. Com efeito, diante de novos paradigmas, com base no campo aberto às especulações, chegamos a um exemplo de funcionalidade teórica aplicada a textos não-canônicos, em um espaço no qual fomos conduzidos por inquietações que culminaram com a elaboração de nosso projeto de pesquisa de Doutorado, cujos aspectos descreveremos a seguir.

### **III PERSPECTIVAS DE ESTUDO DE OBJETOS EM UMA LITERATURA NÃO-CANÔNICA**

Antes de propriamente começar, diremos que, se acatarmos as reflexões da ala crítica que se contrapõe à defesa das “altas literaturas”, nos basearemos no conceito de “descentralização cultural” mencionado por Culler (1997 apud OLINTO, 1999, op.cit) e Culler (1981 apud JOBIN,1996 op.cit.), e observaremos que a metodologia canônica prescritiva não abre horizonte às representações feitas pela “baixa literatura”, a dita “não canônica” ou “menor”, nem aos valores que lhe são agregados.

Assim, dada a emergência, por exemplo, da lei 10.639/2003 [49] que obriga a inclusão do ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana em todos os currículos escolares (no Brasil), podemos submeter o discurso de Leyla a críticas – “pô-lo em crise”, nos termos de Barthes (op.cit.) [50], diante do envolvimento de uma (outra) dada especificidade cultural brasileira. No caso da Lei mencionada, passamos a problematizar os discursos dessa cultura. Dentro desse processo e, tomando a literatura africana, pesquisaremos a questão ambiental, sob a perspectiva das relações de gênero. Assim, ligando meio ambiente, literatura africana e gênero, dentro de um panorama global, traremos ao debate acadêmico a “literatura do continente negro”.

Dito isso, e dando visibilidade ao trabalho que desempenharemos na academia, exporemos aspectos da pesquisa provisoriamente intitulada “E el@s quem são?... E como cuidam do ecossistema...? - (Uma abordagem sobre Gênero e Meio Ambiente em narrativas contemporâneas)”.

O objetivo dessa pesquisa é contribuir para o conhecimento dos fatores que promovem ou não a sustentabilidade ambiental, de espaços representados na literatura moçambicana, em particular, descritos nas obras dos autores: “Terra sonâmbula”, de Mia Couto (2002) e “Ventos do apocalipse”, de Paulina Chiziane (1999). Ambas as obras estão absolutamente fora dos padrões definidos pelo cânone literário, nos moldes propostos pelas prescrições de Perrone-Moisés (op.cit.), sobretudo porque, para o desenvolvimento do trabalho, adotaremos um percurso teórico-metodológico interdisciplinar.

O estudo consiste em abordar identidades de gênero, representadas nos espaços reservados aos elementos essenciais da natureza, com os quais se dão interações dos indivíduos que lutam por sobrevivência, em meio social de extremo

conflito – a Guerra. Neste sentido, gênero e guerra nos levam aos questionamentos que vão desde a destruição do sistema colonialista português sobre suas colônias, uma vez que o espaço a ser focado é o de uma delas – Moçambique - a partir de duas visões distintas: masculina e feminina. Assim sendo, tal objeto não seria interessante ao Cânone, pois, de acordo com interpretações de críticos desertores e afinados com as inovações de Culler (1997 apud OLINTO, 1999 op.cit.) e Culler (1981 apud JOBIN, 1996, op.cit.), esses são exemplos que possivelmente devem ter “deixado clara a dificuldade e/ou a impossibilidade de moldar os estudos literários atuais a partir de paradigmas precisos” [51].

No trabalho a ser desenvolvido, daremos visibilidade a uma nova proposta teórica do feminismo – o ecofeminismo – que tem trazido contribuições mais voltadas para um engajamento político. Neste sentido, vemos que foi esse “pé de situação” – a necessidade de transgressão dos valores canônicos - que favoreceu a evolução de conhecimentos, a ponto de se chegar a uma abordagem refinada como a tentativa de ver na literatura o que a manutenção do colonialismo português, até meados dos anos de 1970, trouxe, como conseqüências, para o meio ambiente.

O colonialismo (sinônimo de pilhagem econômica) desencadeou atividades que interferiram negativamente no meio, alterando paisagens, relações afetivas e sociais, degradando o espaço sócio-econômico e cultural. As circunstâncias chegaram a um tal limite que, hoje, mais do que nunca, vemos despertado o interesse por ações políticas que defendam a vida, no que se refere à qualidade do meio ambiente. Assim, soa-nos necessário um estudo maior, envolvendo outras áreas de atuação, como forma fazer circular novos conhecimentos sobre uma questão tão delicada. No nosso caso, a literatura pretende mostrar a problemática dos impactos que acabam por despertar consciência ecológica. Assim, o “corpus” de pesquisa nos colocará diante de exemplos como a necessidade de migrações de contingentes populacionais que se deslocam para áreas mais estáveis nas quais não há tensões generalizadas, isso para nos referirmos a um aspecto trágico (a guerra, propriamente dita), mas necessário, do estudo pós-colonial.

Diante do exposto, e somado ao fato de que estudos de gênero e meio ambiente se entrecruzam, temos, representado na literatura, o colonialismo gerando ambientes destruídos e destruidores para o ser humano, uma vez que o

imperialismo das metrópoles (e a dominação) se apropriou de bens necessários para o seu próprio abastecimento (recursos naturais das colônias). Além disso, também gerou, após o fim do sistema opressor, lutas armadas, propagação de violência entre grupos etno-raciais.

Permeando vários aspectos gerais, observamos que, uma vez enveredando por caminhos alternativos que a academia hoje propõe, ao identificar interfaces, temos algo a questionar: que conseqüências as guerras podem trazer para a constituição das identidades de gênero? Considerando que uma guerra, entre outros problemas, gera fugas de indivíduos, alterando demanda populacional, o que acontece com as fronteiras de gênero: tornam-se mais resistentes ou enfraquecem? Noutras palavras: é possível refletir sobre a guerra como meio determinante de uma política de gênero? Diante dessas questões, formulamos outra: a quem cabe, mais diretamente, a preocupação com a questão ambiental, em meio a um conflito extremo?

O estágio atual da literatura pós-colonial também analisa os estudos de gênero. Estes, disseminados em muitas academias, se interceptam com a ecologia sobre cujos efeitos incidirão a formulação das fronteiras, principalmente porque, como já o dissemos, a guerra leva a uma crise demográfica. Se uma situação como esta pode ou não interferir na política de gênero (relações heterossexuais, poligamia permissiva, racismo étnico, por exemplo) e suas conseqüências, queremos saber em nossa pesquisa. Em outras palavras, vemos que todas as colocações críticas em “contra-pontos” parecem nos respaldar, em nossa tentativa de apontar saídas para possíveis transformações políticas, em situações de crise social, como a que pretendemos avaliar. E cabe a nós, na academia ou em qualquer outro espaço de ação, dar a nossa contribuição, para além da perspectiva da escolha de um cânone.



## Notas

- [1] A avaliação foi feita em uma resenha escrita por Marcus do Rio Teixeira. Em sua análise, ele afirma que “Altas literaturas” é uma obra que muito prestigiada por críticos de orientação conservadora, pois ela representa os valores morais tradicionais da sociedade. Disponível em: [http://www.agalma.com.br/agalma/ver\\_resenhas.asp?ID=17](http://www.agalma.com.br/agalma/ver_resenhas.asp?ID=17). Acesso em: 12 de junho de 2007
- [2] PERRONE-MOISÉS, L.. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*, p.11.
- [3] Idem, p.12.
- [4] Idem, p. 12.
- [5] Idem, p.63. Paideuma – segundo Perrone-Moisés, é um repertório de autores que, por sua cultura e por suas formas, ainda estão ativos num dado momento histórico. In: \_\_. *Altas literaturas*”, p.218.
- [6]. Idem, p.63.
- [7] Idem, p.29.
- [8] Idem, p.30.
- [9] Idem, p.30.
- [10] Idem, p.31.
- [11] Idem, p.61.
- [12] Idem, p.154.
- [13] Idem, p.159.
- [14] Idem, p.157.
- [15] Idem, p.158.
- [16] Idem, p.159.
- [17] Idem, p.160.
- [18] Idem, p.163.
- [19] Idem, p.164.
- [20] Idem, p.166.
- [21] Idem, p.168.
- [22] Idem, p.171.
- [23] Idem, p.176.
- [24] Idem, p.9.
- [25] BARTHES, R. Reflexões a respeito de um manual. In: \_\_. *O Rumor da Língua*.,p.56.
- [26] Idem, p.143.
- [27] Idem, p.329.
- [28] PERRONE-MOISÉS, L.. Op.cit.p.173.
- [29] PERRONE-MOISÉS, L.. Op.cit, p.11.
- [30] RAMOS, T. R. O. Literatura contemporânea com(o) disciplina. *Uniletras*, Ponta Grossa, n.27/28, p.21.
- [31] AHMAD, A. A literatura entre os signos de nosso tempo In: CEVESCO, M. E. (org.) *Linhagens do Presente – ensaios*. Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos, Cap. I, p. 15
- [32] MORETTI, F. Conjecturas sobre a literatura mundial. In: SADER, E. (org.). *Contracorrente: o melhor da New left* reviv em 2000, p.45.
- [33] Idem, p.16.
- [34] BOURDIEU, P. Sistemas de ensino e sistemas de pensamento. In: \_\_. *A economia das trocas simbólicas*, p.216.
- [35] OLINTO, H. K. *Disciplina sem disciplina: observações sobre estudos literários e culturais*. In: LOBO, Luiza. *Globalização e literatura*, p.46.
- [36] Idem, p.45.
- [37] Idem, p.46.
- [38] Idem, p.46.
- [39] JOBIN, J. L.. A crítica da teoria: uma análise institucional. In: \_\_. *A poética do fundamento: ensaios de teoria da literatura*, p.56.
- [40] Idem, p.59..
- [41] Idem, p.66.
- [42] OLINTO, H. K.. Op.cit., p.46.
- [43] Idem, p.46.
- [44] Idem, p.47.

[45] Idem, p.48.

[46] Idem, p.49.

[47] Idem, p.52.

[48] Idem, p.53.

[49] SOUZA, F.; LIMA, M. N. Apresentação. In: \_\_. *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de estudos afro-orientais, p.11.

[50] BARTHES, R. Op.cit, 326.

[51] OLINTO, H. K. Op.cit., p.53.



## REFERÊNCIAS

- BARTHES, R.(1988). *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. (1996). *Diálogos*. São Paulo: Escuta.
- BOURDIEU, P.(1999). *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sérgio Micelli et alii. São Paulo: Perspectiva.
- CEVESCO, M. E.(org.) (2002) *A Linhagens do Presente – ensaios*. Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo Editorial.
- CHIZIANE, P.(1999). *Ventos do apocalipse*. Lisboa: Caminho.
- COUTO, M. (2002) *Terra sonâmbula*. 8ªed. Lisboa: Caminho. [1992]
- HORTA, J. da S.(1995). "Entre história europeia e história africana, um objecto de charneira: as representações". *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África*. Lisboa, Linopazes. p.203-210.
- JOBIN, J. L.(1996). *A poética do fundamento*. Rio de Janeiro: EDUFF.
- LOBO, L.(Org.) (1999) *Globalização e literatura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.p.45-53.
- PERRONE-MOISÉS, L.(1988) *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras..
- RAMOS, T. R. O. (2006). Literatura contemporânea com(o) disciplina. *Uniletras*, Ponta Grossa, n.27/28, pp.21-28, dez.
- SAID, E. (1995). *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SADER, E. (org.) (2001). *Contra-corrente: o melhor da New left review em 2000*. Rio de Janeiro: Record.
- SOUZA, F.; LIMA, M.N.(2006). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de estudos afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares.

Artigo entregue em 15 de outubro de 2007  
Artigo aceito em 30 de novembro de 2007.

